

Brasileiro mais pobre

Andrea Cordeiro
Da equipe do **Correio**

Depois de oito anos de estabilidade econômica, o brasileiro está mais pobre. Com a disparada do dólar, o valor dos salários escorre pelo ralo, corroendo o poder de compra da população. Para se ter uma idéia, quando foi reajustado para R\$ 200 em 1º de abril deste ano, o salário mínimo, equivalia a US\$ 86,2. Ontem, valia apenas US\$ 57,6. Além disso, a valorização da moeda americana abriu uma temporada de remarcações vista poucas vezes ao longo dos últimos oito anos. Os reajustes que atingem desde o pãozinho francês até o carro importado vão reduzir ainda mais o poder de compra dos assalariados.

Com a renda achatada e o clima de insegurança econômica, os brasileiros devem cortar a lista de compras. Sem ter para quem vender, a indústria colocará um freio na produção e a tendência é de que o desemprego aumente, realimentando um ciclo de queda no crescimento da economia. É essa equação perversa que obriga os empresários a pensarem duas vezes antes de remarcar os preços ao consumidor.

Mesmo assim, com uma alta de 50% do dólar no ano, fica impossível para as indústrias, principalmente as que trabalham com produtos importados, absorver tamanho aumento de custos. Segundo o economista Miguel Ribeiro de Oliveira, mesmo com a forte desvalorização da moeda brasileira, os preços não serão reajustados de forma integral. "Custo maior não quer dizer repasse. A população está com renda menor e com alto índice de desemprego. Se a indústria repassar todos os custos, ninguém vai poder comprar nada", explica.

O economista baseia-se na pesquisa de renda do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgada semana passada. Segundo a pesquisa, a renda do trabalhador caiu pelo 16º mês consecutivo. O rendimento médio do trabalhador encolheu 4,6% no primeiro semestre em relação ao mesmo período de 2001. Fechou em R\$ 792,76. No Distrito Federal, a renda mensal de metade da população é de até R\$ 450. Com indicadores dessa natureza, a supervisora técnica do Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Sócios-Econômicos (Dieese), Lílían

Marques, concorda com o economista. Se o comércio resolver repassar o custo da alta do dólar, vai ver seu estoque encalhar.

Até o final da próxima semana, o pão vai liderar a lista dos produtos afetados pela desvalorização do real. A previsão é de que o pãozinho de 50 gramas deve subir até R\$ 0,25 a unidade. O último reajuste no pão ocorreu há 13 meses. À época, o pãozinho custava entre R\$ 0,15 e R\$ 0,18 e passou para R\$ 0,20. "O saco de 50 quilos de farinha de trigo que custava R\$ 48 há 15 dias está custando R\$ 70. Não vai dar para o empresário segurar muito tempo o preço do pão", argumenta o vice-presidente do Sindicato da Indústria da Alimentação, Wilmar Ferreira Peixoto.

Outros produtos já subiram. Conforme o Dieese, o preço do óleo de soja aumentou 14,17% e o da farinha de trigo 4,5%. Os dois aumentos elevaram em 2,24% o custo da cesta básica em Brasília em junho. "Nos últimos 12 meses, a cesta básica está 5,2% mais cara", revela Lílían.

Por enquanto, o resto da lista de produtos que têm componentes importados, como limpeza e higiene, está com preços antigos. A explicação é simples, segundo o presidente do Sindicato das Empresas Atacadistas do Distrito Federal, Fábio Carvalho. A indústria ainda não repassou os custos da alta do dólar aos produtos. Segundo o presidente da Associação Brasileira de Supermercados (Abras), José Humberto Pi-

res, os supermercados estão em compasso de espera. "É preciso esperar e ver como a indústria vai agir. Nossa missão será negociar. Tivemos queda de 2% nas vendas este ano. Só iremos repassar o custo dos produtos que realmente precisam."

Para o economista Miguel Ribeiro de Oliveira, mesmo com a forte desvalorização da moeda brasileira frente ao dólar, os preços não serão reajustados de forma integral. "Custo maior não quer dizer repasse. Se a indústria repassar todos os custos, ninguém vai poder comprar nada", explica.